



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura do 21º Congresso Brasileiro do Aço**

São Paulo-SP, 14 de abril de 2010

Meu caro governador do estado de São Paulo, Alberto Goldman,
Meu caro amigo, ministro das Cidades, Marcio Fortes,
Minha cara companheira, governadora do estado do Pará, Ana Júlia,
Senador Aloizio Mercadante,
Deputado Leonardo Quintão,
Prefeito Gilberto Kassab,

Meu caro amigo Cláudio Scliar, secretário de Geologia e Mineração do
Ministério de Minas e Energia,

Meu caro Fábio Roberto Silva de Azevedo, presidente do Instituto Aço
Brasil,

Meu caro André Bier Gerdau, vice-presidente do Instituto Aço Brasil,

Meu caro Marco Polo de Mello Lopes, vice-presidente executivo do
Instituto,

Companheiros e companheiras,

Eu estava comentando ali, na mesa, que uma das razões pelas quais o
Gerdau começou a crescer, quando ainda seu pai produzia prego, é que
naquele tempo o povo não tinha anemia, ainda talvez não tivesse remédio para
anemia, mas eu lembro que a minha sogra colocava prego grande dentro da
panela de alumínio, para fazer feijão e arroz, para as crianças não pegarem
anemia. O Presidente do Instituto do Aço teve anemia esses dias, porque não
colocou um prego do Gerdau dentro da panela. Se tivesse colocado, não teria
sido constatada uma anemia.

Mas eu quero dizer para vocês da minha alegria de estar aqui. Primeiro,



porque nós precisamos pensar no futuro deste país. Acho que o Brasil vive um momento histórico excepcional. Vocês, empresários que viajam o mundo, tentando vender ou comprar alguma coisa, são testemunhas de que o momento de credibilidade e de expectativa que vive o Brasil é muito grande. Nós temos aqui representantes da siderurgia chinesa, e temos aqui o nosso amigo Mittal, que podem confirmar o que representa o Brasil.

O problema é que o Brasil, depois de algum tempo, depois de 30 anos sendo a economia que mais cresceu no mundo, de [19]50 a [19]80, o país entrou numa fase de atrofiamento e de incerteza. Porque houve momento aqui no Brasil, em que os governantes achavam que poderiam enganar os outros com facilidade, assumir compromissos e não cumprirem, assinarem documentos e esquecerem depois, achando que o mundo não se importava com isso. E o dado concreto é que durante muito tempo o mundo começou a perceber que o Brasil não tinha condições de cumprir parte dos compromissos que ele tinha assumido.

Eu estou falando dos anos em que o Brasil teve o seu último grande ciclo de crescimento, que foi no governo Geisel, e que contraiu uma dívida imensa a 3% de juros e que depois a dívida, para resolver o problema da economia americana, foi para 21% e que, portanto, a nossa dívida ficou quase que impagável e incontrolável. Foi um momento, eu diria, de desperdício deste país. Agora eu penso que, ao mesmo tempo, todos nós aprendemos com as lições, com os momentos difíceis que nós vivemos e, aos poucos, o Brasil foi se acertando para chegar ao ponto que o Brasil está hoje. Isso não é obra de um governo, não é obra de dois governos, isso é um processo histórico. Você mede o acúmulo de erros, o acúmulo de certezas. Certamente, em todos os momentos da história, você teve alguma coisa que sobrou de benéfico à economia brasileira, ao setor siderúrgico, à indústria automobilística, à linha branca que, na verdade, são os setores que mais utilizam o aço que nós produzimos.



Mas, ao mesmo tempo, houve um tempo em que a gente não acreditava na possibilidade e na capacidade do mercado interno brasileiro. Houve um tempo em que a gente achava que o Brasil não era capaz de construir um mercado de massa e que, portanto, nós tínhamos que preparar nossa estrutura produtiva apenas no sentido de competir no mercado internacional. Competir com parceiros que nem sempre é fácil ganhar, pelas condições objetivas de produtividade, pelas condições de cada país. E nós resolvemos, então, adotar uma outra postura, ou seja, vamos tentar, a partir de nós mesmos, criar as condições para que a gente possa utilizar dentro do mercado interno, sem diminuir a importância do mercado externo, toda a capacidade produtiva do nosso país. Vocês, empresários, são testemunhas, e muito fortes, de que nós tivemos quase aproximadamente 25 anos em que os investimentos em infraestrutura no Brasil eram muito pequenos. Aliás, algumas grandes empresas do setor da construção civil aprenderam a ganhar muito mais dinheiro lá fora do que aqui dentro porque não tinha obra de infraestrutura. Conta-se no dedo as obras que foram feitas por conta de uma situação anômala do país.

O país, para se desenvolver, contraiu uma dívida a uma taxa de juros e, pouco tempo depois, a taxa de juros ficou outra e, pouco depois, o Brasil não conseguia saldar com seus compromissos e todo mundo sabe o inferno que nós vivemos durante duas décadas neste país. Nós, agora, vivemos exatamente o oposto daquela situação. O Brasil tem uma economia sólida, o Brasil tem mais reservas do que dívidas. O Brasil tem uma dívida pública altamente controlada e mais baixa do que grande parte de outros países desenvolvidos do mundo, e o país tem uma autoestima que motiva desde o mais humilde brasileiro ao maior empresário a acreditar que é possível fazer as coisas neste país. Além disso, o Brasil tem perspectivas importantes por conta das Olimpíadas de 2016, por conta da Copa do Mundo e por conta das necessidades de investimento que nós precisamos fazer.



A governadora Ana Júlia, que é governadora do Pará, ela sabe que nós ficamos praticamente 20 anos – 20 anos – proibidos totalmente de fazer estudos para viabilidade da construção da hidrelétrica de Belo Monte. Não era fazer a hidrelétrica, não. Era a proibição de fazer estudos. Agora mesmo, eu vi nos jornais hoje, tem muitas ONGs vindo de vários cantos do mundo, alugando barco para ir para Belém para poder tentar evitar que nós façamos a hidrelétrica. Ora, obviamente que o projeto que foi feito, ele foi modificado – o lago é um terço daquilo que estava previsto anteriormente – exatamente para que a gente possa dar todas as garantias ambientais e dizer a qualquer cidadão do planeta Terra que ninguém tem mais preocupação de cuidar da Amazônia e dos nossos índios do que nós. Não precisa quem já destruiu o deles vir aqui dar palpite no nosso.

E nós sabemos das dificuldades de fazer isso. Vamos ser francos, companheiros, a rapidez com que a gente conseguiu estabelecer Santo Antônio e Jirau. Quem de vocês participou dos encontros, dos debates, sabe que foi quase que uma coisa, eu diria, recorde, vencer todos os obstáculos que nós tínhamos para chegar lá, como temos obstáculos para construir as ferrovias. Eu quero dizer para vocês aqui, sem medo de errar, que nós estamos neste momento construindo e contratando por volta de mais de 6 mil quilômetros de ferrovia. A ferrovia Norte-Sul, que tinha sido construída, em 17 anos, 215 quilômetros, ela vai chegar nos próximos quatro anos a Estrela D'Oeste, em São Paulo. Nós vamos ligar o Porto do Itaquí ao Porto de Santos. E também nós precisamos fazer com que o marco regulatório seja discutido nacionalmente. Não é possível que uma empresa dona de uma ferrovia só possa passar o trem dela e os produtos dela sem levar em conta a ociosidade dos trilhos durante o restante do dia, o restante do mês ou restante da semana. É como se em uma estrada pudesse só passar os caminhões de uma determinada empresa. Esse é um debate que nós queremos fazer para tentar mostrar a necessidade de o Brasil destravar todo e qualquer empecilho



burocrático para que a gente dê o salto de qualidade. É preciso que o Brasil utilize o potencial que ele tem de crescimento e desenvolvimento e que tenha vantagens comparativas para que a gente possa disputar o mercado externo, que não é fácil. Não é fácil porque ninguém obriga ninguém a comprar coisa nossa, é preciso disputar, é preciso criar as condições para produzir mais barato, com mais condições, e aí nós queremos discutir, e é por isso que eu não tenho nenhuma preocupação em dizer, ao contrário daqueles que governam achando que sabem tudo, eu prefiro ser uma “metamorfose ambulante”, estar sempre mudando, aprendendo, tentando criar condições para a gente não fazer a mesmice, tentar inovar, na medida em que nós precisamos crescer.

Este país, pouco tempo atrás, tinha parado de construir navios. Este país se dizia incompetente para produzir sondas e plataformas. Eu lembro que, na década de 90... A vantagem de perder muitas eleições é que a gente vai aprendendo a cada eleição. Eu lembro que na década de 80, quando eu fui candidato a presidente, o discurso que eu tinha que fazer era que o petróleo no Brasil era para mais 20 anos, o mundo árabe era para mais 80 anos, o México era para mais 30 anos. Então já trabalhava, Gerdau, tentando imaginar o que vinha depois do petróleo. E nós já tínhamos o etanol, mas ainda não tínhamos o biodiesel. E, depois, quando a gente começou a investir um pouco mais em pesquisa, a gente percebeu que abaixo de onde a gente já tinha catucado para achar petróleo, a gente achou mais, de melhor qualidade e maior quantidade. E é isso que vai permitir a este país prever o seu futuro. Porque, obviamente que nem o governo nem os empresários podem fazer o que precisam fazer se não tiver uma garantia de que existe possibilidade, existe mercado e existe condição de a gente produzir. E aí eu entro na questão da Vila de Aço que eu fui visitar agora há pouco.

No último dia 10 de fevereiro, quando nós nos encontramos em Brasília, eu perguntei para vocês por que a gente não tinha casa de aço no Brasil, por



que não se fazia casa de aço. E me surgiu a ideia porque eu tinha ido aos Estados Unidos fazer a reunião do G-20 e eu fui à capital do aço, Pittsburgh. E cheguei lá, eu vi, a cada 500 metros, uma ponte de aço. Eu dizia, aqui, no Brasil, a gente tem uma ponte de concreto, e uma fica distante da outra seis meses [metros]. Ou seja, lá é quase... Eu acho que foi algum gênio que falou: “Bom, nós temos muito aço mesmo, precisa de ponte aqui para atravessar, vamos gerar emprego produzindo aço, fazendo ponte e (incompreensível) a vida do povo”. Então, é verdade, eu vejo ponte aí que poderia ser feita de aço. Um monte de ponte, de repente vem o... Não tenho nada contra concreto, não tenho nada. Eu quero mais é que tenha coisa de concreto e que tenha coisa de aço. Mas eu não consigo compreender porque há predominância de um setor muito mais difícil de manusear do que o outro. O outro, qualquer metalúrgico como eu, que chegou à Presidência, pode comprar, chegar na fábrica e falar: “Me dá a fábrica [casa] de aço, aí. Me dá uma de 62 metros quadrados, dois banheiros, um quarto, um lugar para televisão, para ver o jogo do Corinthians”, compro, vou lá em casa, parafuso, monto e vou morar na minha casa. Teoricamente é simples assim – e uma varandinha ainda. Se for necessário o fogão de lenha também de ferro, que é para poder gerar mais... a Vale do Rio Doce produzir mais minério e produzir mais aço aqui também, que sabe em parceria com vocês.

E eu vim ver essa feira aí, e quero dizer para vocês o seguinte: olha, estou orgulhoso de ter visitado a feira, porque vi uma possibilidade. Lógico que, no Brasil, nós temos gente que vai dizer: “Mas é preciso respeitar os hábitos”, não é? Uma vez eu fui a Mirandiba, no estado de Pernambuco, e fui a uma cidade muito pobre em que, naquela época, se plantava muita maconha lá e nós fomos lá para fazer uma confusão contra a plantação de maconha, porque nós tínhamos aprovado na Constituição que a terra que plantasse maconha teria que ser desapropriada para a reforma agrária. Aí, nós chegamos lá e descobrimos que os trabalhadores que produziam maconha ganhavam quatro



vezes mais, ou cinco vezes mais do que os outros que estavam fora. Então, nós não tivemos muito adepto na nossa empreitada de fazer comício, não tivemos muito adepto.

Mas, aí, eu fui visitar uma creche, uma creche em que o único produto que a gente tinha lá, para as crianças comerem, era o resultado da produção de uma “vaca mecânica”, uma “vaca mecânica”, que eu também não sei porque não teve mais sucesso do que teve, que produzia leite de soja. E as crianças, além de tomar o leite de soja, faziam mistura com groselha, com outras coisas lá e, com o farelo, fazia bolo. Aí, eu fui com o pessoal da Universidade Federal de Pernambuco e lá eu recebi muitas e honrosas críticas: “Onde já se viu querer dar leite de soja para as nossas crianças. E os hábitos alimentares dessas crianças?”. Ora, se a criancinha estava lá morrendo de fome, que hábito alimentar que ela tinha? Hábito alimentar tinha a nutricionista, que tomava café, almoçava e jantava, mas aquela criança não tinha. Mas a gente tem que respeitar essa coisa cultural, porque senão a gente termina perdendo um bom debate e uma boa ideia.

E eu acho que vocês deveriam fazer uma divulgação dessas casas, ou seja, tentar levar para expor próximo da prefeitura das principais cidades brasileiras; onde tiver conjunto habitacional sendo construído, vocês irem lá fazer uma amostra, para o povo ter o direito de escolher se ele quer uma de chão batido, sem acabamento, ou quer uma casinha bem feitinha, de aço, sabe?

Eu acho que nós precisamos fazer uma competição, para a gente mostrar alternativa para a sociedade. Se as casas que a gente puder construir nos bairros, Marcio, forem da qualidade das que eu vi aí, eu acho que nós vamos ter uma disputa muito grande, porque a verdade é que hoje o povo não tem o direito de escolher – se ele ganhar bem, obviamente que ele tem o direito de escolher, mas se ele for na faixa que ganha menos, a casa é um padrão só, seja o estado que for, seja o hábito de moradia que for, é tudo um só. E a gente



pode fazer com o aço uma forma diferente de fazer casa, adaptá-la aos gostos de cada região.

Eu gostaria, então, Marcio, que você, como ministro das Cidades, contribuísse para que a gente pudesse fazer a amostragem dessas casas em vários lugares. Vai ter 80 mil casas aqui, em São Paulo, combina com o Kassab e faz uma amostragem dessas casas em algum lugar de São Paulo, lá onde vai ser feito o conjunto habitacional. Vai ser feito em Manaus? Vai lá e faça uma amostragem das casas para que o povo possa olhar em que tipo de casa que ele pode morar.

Eu, sinceramente, não sei quem foi que disse que nós só tínhamos que fazer casa de concreto, não sei. Não sei se é uma coisa, se não se formava engenheiro, se as universidades não diziam que tinha outras possibilidades. E eu acho que como o setor é muito importante e fica demonstrado que o custo também é importante – aí as indústrias automobilísticas vão saber que têm concorrentes com ela para a compra de aço, a indústria de geladeira, de fogão, ou seja, espero que não falte chapa grande para os navios que nós queremos construir aqui, chapas grossas e maiores, maiores, chapas grossas e maiores.

Este país... eu, sinceramente, disse a vocês no começo, eu senti uma vergonha. Eu fiz uma reunião com o Benjamin, com a turma que está construindo a Transnordestina, e eu descobri que nós estamos importando não sei quantas mil toneladas de trilhos. Ora, vocês vão dizer que eu sou atrasado, que eu sou xenófobo, que eu sou isso, mas, obviamente, que nenhum ser humano, ou melhor, nenhum patriota, seja ele empresário ou trabalhador, gosta de ver, de sair navios de 400 toneladas de minério de ferro lá do Pará ou de Minas Gerais, não paga quase imposto nenhum – porque se tivesse o *royalty* do petróleo, quem sabe fosse diferente –, e depois a gente tem que importar trilho da Itália, da Polônia, da China. Eu, como sou um defensor do livre comércio, e quero que seja cada vez mais livre, mas eu tenho que garantir aos estados produtores de minérios que tenham o mínimo de benefício com essa



quantidade de riqueza que sai daqui, porque um dia ela acaba. A gente vai tirando, e vai tirando, e vai tirando, e vai tirando, e vai tirando... Daqui a pouco, chega no Japão e aí não vai ter mais. Se o Japão está importando de nós significa que lá não tem.

Então, eu acho que nós precisamos cuidar com carinho disso. E eu só quero que vocês saibam o seguinte: nós temos noção, nós temos noção de que nós precisamos ter mais condições competitivas, seja com o chamado mundo desenvolvido, seja com um parceiro nosso como é a China, como é a Índia. Nós sabemos que nós precisamos ser mais competitivos. Então, nós não temos tabu de discutir a necessidade da redução dos impostos federais, dos impostos dos estados, do ICMS, de ver o preço da energia, de ver o preço do transporte. Não existe mais tabu para a gente discutir isso, não existe. Sinceramente, não existe. Nós queremos é fazer com que este país não volte atrás. Se a gente for imaginar as incontáveis vezes que este país teve condições de dar um salto de qualidade e se transformar em uma grande economia, e a quantidade de vezes que nós retrocedemos... Nós não temos o direito de fazer mais isso com o país, não temos o direito. Eu acho que todos nós aprendemos um pouco, todos nós aprendemos que política de distribuição de renda faz bem. Eu, quando pego as estatísticas do IBGE e vejo que a camada mais pobre das classes D e E consumiu mais durante a crise do que as classes A e B, eu fico imaginando o quanto faz bem R\$ 10,00 na mão de um pobre e o quanto faz mal alguém pegar 50 milhões e guardar só para si e não distribuir um pouquinho.

Uma economia, que eu disse outro dia, uma economia... Um país de economia capitalista, que a gente não tinha crédito, que a gente não tinha capital de giro, que a gente não tinha financiamento, não podia ser um país de economia capitalista. A base disso era tirar o crédito. E vocês que precisam de um banco, do BNDES, sabem do que eu estou falando. O BNDES, quando emprestava muito, emprestava R\$ 38 bilhões. E agora, quando ele empresta



pouco, empresta R\$ 139 bilhões. Com mais rapidez, porque antes demorava de 275 dias a 300 dias para sair um crédito, ou seja, era tanta exigência para ter um crédito que o cara que pegasse o crédito não precisava de crédito. Porque é verdade. No sistema financeiro brasileiro, o cara que tem acesso ao crédito, é porque ele está tão bem de vida que não precisa de crédito. Ele tem que ter a quantidade de dinheiro que ele está tomando emprestado para garantir o empréstimo dele. Então, tudo isso, vocês acompanham a mudança porque vocês têm participado das decisões. Não existe nenhum país do mundo que tomou as atitudes que nós tomamos na crise econômica. Nenhum. Nem emergente, nem Bric, nem pobres e nem ricos. Nós tomamos todas as medidas que era necessário tomar e poderíamos até ter tomado mais rápido. Quem sabe se a gente tivesse a certeza de que o Lehman Brothers iria quebrar, ou seja, a gente deveria ter tomado em julho as medidas que nós tomamos, assim a indústria automobilística não tinha brechado rápido como breçou e outras indústrias não teriam brechado. Quem sabe a gente tivesse dado um salto de qualidade. Mas se até o Bush foi pego de surpresa, por que nós aqui, a 9 mil quilômetros, não seríamos pegos de surpresa?

Então eu queria dar os parabéns a vocês, dizer a vocês que nesse Congresso dediquem o espaço de vocês para discutir o futuro deste país, elaborar propostas para o governo. Eu sei que logo, logo nós vamos reunir o Conselho para tomar novas medidas, porque eu quero dizer para vocês uma coisa: se nós tivermos juízo – governo, empresários e trabalhadores –, mantivermos a situação que nós temos hoje, este país pode, sim, de verdade, ser a quinta economia mundial, dentro de seis ou sete, oito anos, no máximo. E vocês sabem que isso não é pouca coisa.

Hoje, este país, neste mês, já foi a quarta nação, na produção de automóveis, passamos a Alemanha, por conta da crise. E como nós ainda temos que construir muita coisa, gente, nós não temos o direito de pensar pequeno. E eu, sinceramente, acho que vocês devem ter condições, porque



nós precisamos competir no mundo. O continente africano, eu vou repetir, está aí, 800 milhões de habitantes. No dia que eles tiverem 30% como consumidores, nós teremos aí mais 300 milhões de seres humanos consumindo coisas que o Brasil pode ir para lá. E como nós não temos matrizes que competem com a gente lá, vamos meter nossos produtos lá.

Nós temos visto o que é o sucesso nosso na América Latina. E eu lembro que quando, em Angola, eu falei, a primeira vez, que os empresários brasileiros não tinham que ter medo de virar empresários multinacionais, eu lembro de uma manchete de um jornal aqui, em São Paulo, dizendo que eu tinha sido muito duro com os empresários. E hoje não é possível nos nossos dedos contar a quantidade de empresas multinacionais que nós temos, a quantidade de investimentos feitos no exterior. Eu acho isso extraordinário, porque cada empresa brasileira no exterior é uma bandeira do Brasil lá, é tecnologia brasileira. É isso que faz com que as empresas sejam mais fortes, que elas possam crescer mais e possam fazer mais investimentos aqui dentro.

Todo mundo sabe que hoje as grandes empresas argentinas são, praticamente, quase todas de empresários brasileiros, ajudando a Argentina a crescer e ajudando o Brasil a crescer, porque nós precisamos ter uma balança comercial equilibrada, a gente não pode só ter superávit porque o outro país (incompreensível). Eu acho que vocês sabem, são profissionais e sabem que nós estamos vivendo este momento extraordinário.

Eu só queria pedir para vocês o seguinte: eu acho que num ano eleitoral, a gente não deveria permitir que o processo eleitoral criasse qualquer transtorno nas políticas de investimento. Acabou aquela história, quando eu era candidato, que diziam: “É o demônio, vem aí o demônio, e os empresários vão fugir para Miami, vão não sei para onde”. Acabou. Este país virou tão sério que quem entrar para presidir este país, vai ter que ter mais juízo do que quem está saindo. Não há mais possibilidade de brincar com o Brasil. Nós cansamos de brincadeira e de irresponsabilidade.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Por isso, parabéns a todos vocês. E espero que a Vila do Aço se transforme em um grande conjunto habitacional do nosso país, para que vocês construam mais alto-forno e que a gente possa chegar perto da China, na produção de aço.

Um abraço e bom congresso para vocês.

(\$211A)



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República
